

I CONGRESSO CRIM/UFMG

MULHER, POLÍTICA E DEMOCRACIA

M956

Mulher, política e democracia [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-364-1

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Gênero, feminismos e violência.

1. Gênero. 2. Política. 3. Democracia. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34



I CONGRESSO CRIM/UFMG

MULHER, POLÍTICA E DEMOCRACIA

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 2 - Mulher, Política e Democracia acolheu trabalhos relacionados à participação e representação das diversas mulheres na política no contexto democrático, em um sentido amplo. Propõe-se a discussão sobre a importância de aumentar a ocupação de espaços de poder pelas mulheres, as medidas afirmativas e os desafios - entre eles, a cultura e estrutura patriarcal do sistema político-partidário e a violência política de gênero.

FEMINISMO COMO UMA “IDEOLOGIA TOTALITÁRIA COMUNISTA”: O PENSAMENTO EVANGÉLICO CONSERVADOR NA REVISTA CRISTÃO ERUDITO

FEMINISM AS A “COMMUNIST TOTALITARIAN IDEOLOGY”: THE CONSERVATIVE EVANGELICAL THINKING IN THE REVISTA CRISTÃO ERUDITO

Lorena Delduca Herédias ¹

Resumo

Este texto reflete como a revista evangélica Cristão Erudito retrata o feminismo enquanto uma “ideologia totalitária comunista”, na edição Marxismo cultural, publicada em dezembro de 2017. Discutem-se 1) o papel que o conceito de totalitarismo cumpre no jogo político a partir do início da Guerra Fria, sobretudo a sua instrumentalização para aproximar ideologicamente comunismo e nazismo; 2) o vínculo construído entre a “ideologia de gênero” e a teoria da conspiração do “marxismo cultural”; e 3) os argumentos elaborados por três pastores evangélicos que escreveram à edição da revista explicando a suposta relação entre feminismo, totalitarismo e comunismo.

Palavras-chave: Ideologia de gênero, Feminismo, Comunismo, Totalitarismo, Evangélico

Abstract/Resumen/Résumé

This paper argues how the Brazilian evangelical review Cristão Erudito depicts feminism as a “communist totalitarian ideology”, in the Marxismo cultural edition, published on December 2017. In this regard, are discussed the 1) concept of totalitarianism’s role in the political game since the Cold War begins, specially its exploitation in order to approximate ideologically both communism and Nazism; 2) links constructed between “gender ideology” and “cultural Marxism” conspiracy theory; 3) arguments elaborated by three evangelical pastors who wrote for the review’s edition to explain the supposed relation between feminism, totalitarianism and communism.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Gender ideology, Feminism, Communism, Totalitarianism, Evangelical

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos, da Defesa e da Segurança, no Instituto de Estudos Estratégicos, da Universidade Federal Fluminense.

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica, tradicionalmente dominante, tem perdido espaço desde os anos de 1980 para as igrejas (neo)pentecostais, que têm cada vez mais se mobilizado para a captação de recursos na máquina pública e, após 2013, se voltado para a moralidade e o ataque à laicidade (CÔRTEZ, 2018). Desde então, houve um aumento drástico na participação dos evangélicos nos espaços de decisão política, bem como é evidenciado o anticomunismo enquanto uma marca do evangelismo conservador deste século (LACERDA, 2018). Essa oposição ao que seria o “comunismo” – com toda elasticidade inerente ao termo – está assentada especialmente na lógica moral de retóricas como “ideologia de gênero”, isto é, uma investida dos “marxistas culturais” contra a família, por meio de movimentos como o feminismo e o antirracismo, a fim de implantar um sistema global totalitário.

A narrativa da “ideologia de gênero” ajuda a reforçar nesse segmento religioso o binômio família tradicional-anticomunismo (LACERDA, 2018) e veicula uma contraofensiva da direita em relação às esquerdas latino-americanas, que, historicamente, possuem maior afinidade com movimentos sociais que defendem uma agenda progressista (MISKOLCI; CAMPANA, 2017). O feminismo, nesse espaço, tem sido um dos movimentos mais atacados dentro da retórica, na medida em que, por um lado, visaria à desestabilização dos tradicionais papéis de gênero e do conceito de família, que já seria um antigo método comunista para minar o capitalismo. Por outro lado, porque funcionaria como um sistema de pensamento e faria uso do “politicamente correto” – instrumento comunista que teria como função silenciar setores da direita opostos aos movimentos sociais –, portanto o feminismo teria sido cooptado pelo comunismo e seria naturalmente totalitário.

De forma complementar, nesses tempos de caos e incertezas, as novas mídias têm desempenhado um importante papel na difusão dessas narrativas desinformativas, as quais prestam um crucial serviço às estratégias midiáticas da extrema-direita. Seja por meio de TV, rádio, *blogs* ou redes sociais, os evangélicos conservadores têm feito uso massivo de canais de comunicação e contribuído em muito para a assimilação de ideias que são propagadas por aquele grupo, tais como a de que os comunistas teriam mudado a sua estratégia para o campo cultural, ou que a “ideologia de gênero” seria uma ferramenta marxista para dominação mundial. Dessa forma, revistas distribuídas no meio evangélico, como a *Cristão Erudito*, vêm exercendo forte influência sobre o imaginário evangélico conservador, uma vez que “explica” como seria a atuação do “inimigo” e dá sentido à realidade.

Diante dessas proposições, a proposta deste texto é entender como a revista evangélica *Cristão Erudito* retrata o feminismo enquanto uma “ideologia totalitária comunista”, na edição *Marxismo cultural*, publicada em dezembro de 2017. Para isso, é necessário discutir 1) o papel que o conceito de totalitarismo cumpre no jogo político a partir do início da Guerra Fria, sobretudo a sua instrumentalização de modo a aproximar ideologicamente comunismo e nazismo; 2) o vínculo construído entre a “ideologia de gênero” e a teoria da conspiração do “marxismo cultural”; e 3) as teias argumentativas elaboradas por três pastores evangélicos que escreveram à edição em voga da revista para explicar a suposta relação entre feminismo, totalitarismo e comunismo.

O método utilizado foi primordialmente de revisão bibliográfica e se constitui de uma análise explicativa, na medida em que faz uso de materiais de bibliográficos a fim de explicar a relação entre os elementos que compõem o objeto. No que concerne à discussão sobre feminismo, totalitarismo e anticomunismo, foram utilizados artigos e capítulos de livros que abordam os temas, seja de forma separada ou dialogando entre si. Sobre “marxismo cultural”, foram empregadas fontes primárias e secundárias; e, sobre “ideologia de gênero”, foram consultados artigos, de modo a se compreender o fenômeno, e escolhidos três textos da edição de 2017 da *Revista Cristão Erudito*, selecionados por terem sido escritos por pastores evangélicos e lidarem diretamente com o tema a que se propõe essa discussão.

DISCUSSÃO

O termo totalitarismo cumpriu um importante papel no jogo político internacional após a Segunda Guerra, sendo (re)produzido o léxico e se tornado senso comum de que a União Soviética e, por extensão, o comunismo carregariam “objetivos totalitários” iguais às do nazismo. Em uma falsa arquitetura binária, por meio da indústria cultural, empresas, agentes públicos, instituições transnacionais e indivíduos, foi estabelecida mais fortemente no imaginário coletivo, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, a lógica amigo/inimigo, algo que se revestia na antítese entre comunismo e liberalismo, civilização e barbárie. O objetivo era aproximar ideologicamente nazistas e comunistas, angariando que a eliminação/contenção da “ameaça comunista” ao dito mundo cristão-ocidental fosse legitimada, mas também impedir a entrada de ideais revolucionários nas classes trabalhadoras de países do então chamado “Terceiro Mundo” (ROMERO, 2017).

Essas noções anticomunistas foram canalizadas no Brasil por setores conservadores e liberais, inclusive justificando o golpe de 1964 e o combate violento ao que seriam as “ideias

subversivas” dos comunistas durante a ditadura civil-militar. Entretanto, nos anos de 1980, com a abertura política, a nova carta constitucional brasileira e a Queda do Muro de Berlim, os “inimigos comunistas” pareciam ter ficado para trás e a retórica anticomunista parecia ter perdido forças, porém grupos de direita ainda naquela década já se (re)articulavam para não perderem a hegemonia no espaço deliberativo. É nesse momento que, particularmente motivados pela obstrução da abertura política e do sucateamento final da esquerda, os direitistas se voltam para a nova esquerda, que desde os anos de 1960 começava a se formar e incluir em sua agenda questões de minorias, tais como raça, etnia e gênero (MOTTA, 2017).

A noção de “gênero”, em particular, começa a ser discutida em maior proporção nessa mesma década em países centrais, como Estados Unidos e França, e propõe uma não identificação direta entre as características biológicas entre homens e mulheres e os seus papéis construídos socialmente. Essa noção, mesmo que não seja consenso entre todas as feministas, é um marcador do movimento e tem sido alvo de acusações de setores conservadores. A argumentação destes é de que a proposta de discutir gênero 1) sugeriria a inversão da lógica natural e divina das relações entre os dois “sexos”, o que é visto, no senso comum, como um ataque à ordem das coisas; e 2) colocaria em xeque o arranjo familiar tradicional em particular e a sociedade em geral. Isso denota uma oposição ao feminismo e à diversidade de gêneros, mas também uma reação à emancipação feminina e aos espaços abertos às relações homoafetivas, ambos considerados desvios morais que desarticulariam a instituição família (MIGUEL, 2016).

Um elemento que pode contribuir para a compreensão dessa ideia é que, nos fins da década de 1980, surge nos ciclos da direita estadunidense a retórica do “marxismo cultural”, teoria da conspiração que propaga que os marxistas teriam mudado a sua estratégia de dominação do campo econômico para o cultural, isto é, do “marxismo econômico” para o “marxismo cultural” (JAMIN, 2018). Ambos seriam “ideologias totalitárias”, como entende o estrategista militar estadunidense William Lind (2004), uma vez que buscariam um mundo sem classes e orientado por um Estado centralizado e forte. Nesse sentido, a diferença fundamental entre “marxismo econômico” e “marxismo cultural” seria que o primeiro veria a História movida pela economia, ao passo que o segundo a veria movida em termos de raça e gênero – ou seja, a superestrutura estaria se sobrepondo à infraestrutura, em termos marxistas.

Para ele, os dois tipos de marxismo definiriam grupos como mais virtuosos (no econômico, os trabalhadores; e, no cultural, os negros ativistas, as mulheres feministas, os homossexuais etc.), os quais expropriam outros grupos (no econômico, trabalhadores expropriam burgueses; e, no cultural, minorias expropriam maioria). Essa narrativa tem como

apêndice o “politicamente correto”, que, encarnado por feministas, funcionaria como um instrumento para inibir as liberdades de expressão e de pensamento da oposição; e homogeneizar e esvaziar de sentido os indivíduos, visando à implantação do comunismo. No caso das “mulheres feministas”, a defesa de Lind (2004, p. 6, tradução nossa) é de que “O politicamente correto não reconhece a existência de mulheres não feministas e define as pretas que rejeitam o politicamente correto como brancas”.

Outro apêndice do “marxismo cultural”, foco desta discussão e relacionado ao “politicamente correto”, é a “ideologia de gênero”, compreendida por esses grupos como um sistema de pensamento e, sendo um sistema de pensamento, seria totalitário, assim como seriam igualmente o comunismo, o fascismo e o nazismo. Dessa forma, para refletir “ideologia de gênero” na perspectiva do evangélico conservador, propõe-se pensar o significado de “ideologia” a partir do primeiro texto dentre os três escolhidos: *A heresia da ideologia marxista*, do pastor Thomas Magnum. Para Magnum (2017, p. 12), a ideologia é “[...] um arcabouço construído de ideias que formam uma cosmovisão. A ideologia tem um fim redentor, o objetivo ideológico é escatológico” e, assim, expõe a sua busca por canonicidade e tende a se tornar verdade absoluta para aqueles que a aderem.

O pastor apoia-se em uma visão fundamentalista de que todo e quaisquer diálogos devem originar-se de uma concepção da verdade revelada nos escritos sagrados, inclusive as reflexões que permeiam a Ciência Política. Em sua percepção, ideologias corromperiam o motivo básico cristão ao fazer uso da sua estrutura redentora, caricaturar o cristianismo e estabelecer um discurso que se aproxima do cristão, mas propagar ao mesmo tempo um outro formato de restauração, como seria o caso do marxismo, que teria “bases religiosas de uma seita” (MAGNUM, 2017, p. 14).

Magnum (2017) incorpora ainda a definição de ideologia dada por Olavo de Carvalho, guru da nova direita e voz do “marxismo cultural” no Brasil. Em termos olavistas, a ideologia reverbera enquanto uma narrativa que não seria compatível com a realidade e que faria com que os indivíduos fossem motivados a substituírem uma realidade mal compreendida por outra que é menos compreensível e pior. Essa argumentação teórica objetiva demonstrar que o fascismo do entreguerras seria um desdobramento do socialismo e do comunismo e que ambos teriam entronado uma figura como deus/semideus e substituído uma realidade que não entendiam, como seria o caso do czarismo e da República de Weimar, por outra que era falseada.

O segundo texto, *Por que o marxismo odeia o cristianismo?*, é do pastor, radialista e autor Eguinaldo Hélio Souza, quem afirma que o comunismo é incompatível com o cristianismo

porque seriam verdades opostas, uma vez que o comunismo seria totalitário e, portanto, não admitiria concorrência. Magnum (2017), em perspectiva similar, diz que existiria uma nova tentativa revolucionária de substituir a redenção cristã pelo comunismo, busca esta que se voltaria contra a cultura cristã-ocidental devido ao cristianismo ser dominante nesta civilização. Para ele, a revolução que se propõe “[...] se dará pela instauração de uma guerra ideológica, sexual, religiosa, econômica e civil”, de modo a esvaziar a força do dominante e instaurar uma nova ordem ideológica (MAGNUM, 2017, p. 14). Dentro dessa perspectiva, ambos os autores desaguam tanto na teoria do “marxismo cultural” quanto na “ideologia de gênero” e, assim, no feminismo, enfatizando o “caráter totalitário” desses “sistemas de pensamento”.

O terceiro texto, *Ideologia de gênero: alerta às lideranças cristãs*, é do pastor, escritor e professor Augustus Nicodemus (2017, p. 21), que afirma que os “apologistas da ideologia de gênero” têm um cordão umbilical ligado ao marxismo porque ambas as ideologias acreditariam que a conciliação de classes não é possível e reivindicariam o fim das distinções de sexo e gênero. A sua visão não destoa da dos demais pastores trazidos aqui, ao defender a tese de que as escrituras sagradas são uma verdade universal e definem a cultura, e não o contrário, então por isso as igrejas deveriam impreterivelmente rejeitar abordagens que questionem os papéis definidos pela Bíblia. Para ele, é importante que as lideranças evangélicas se tornem conscientes do avanço da “ideologia de gênero” nas instituições, nas políticas públicas, nas mídias e na opinião pública e promovam atividades que preparem lideranças masculinas, ensinem a masculinidade e a feminilidade em uma perspectiva bíblica e discutam temas sobre família e gênero.

É interessante pensar, em um aspecto mais amplo, a associação feita entre as novas e velhas narrativas do anticomunismo: o “marxismo cultural” – e os seus apêndices – seria a nova forma de ação dos comunistas, entretanto o marxismo manteria o seu caráter totalitário, assim como o feminismo e outros movimentos sociais – que seriam comunistas. Por um lado, o imaginário anticomunista do evangélico conservador compartilha dos discursos anticomunistas estadunidenses, no entreguerras, de que o comunismo destruiria a família e incentivaria as mulheres e os homens a deixarem os seus papéis sociais (OLMSTED, 2018). Por outro, compartilha em muito o anticomunismo católico inerente ao século passado, para quem, em um mundo comunista, sendo todos iguais, não haveria hierarquia e, portanto, seria totalitário. Logo, a família seria destruída, posto que as mulheres seriam iguais aos homens, deixando a vida do lar e sendo integradas à vida pública, e a propriedade privada seria negada, já que esta representaria, para os comunistas, uma forma de hierarquização (RODEGHERO, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção imaginária do evangélico conservador de que “ideologia de gênero” é uma arma comunista está assentada na narrativa de que a família é constituída por homem e mulher e que a primeira divisão social do trabalho é definida a partir da distinção entre esses dois “sexos”, ou seja, a família é a base de sustentação do capitalismo. Assim, um movimento que pretende mudar a concepção de “sexo” para gênero pretenderia também acabar com a divisão social do trabalho, isto é, acabar com a família e, logo, com o capitalismo, que se constrói de forma natural e se sustenta nessa hierarquia. Compreendendo o capitalismo como oposto do comunismo, este seria implantado no lugar daquele, então o feminismo seria um movimento que proporia o termo “gênero” como uma maneira de destruir a família e, assim, superar o capitalismo e instaurar o comunismo, sendo, portanto, totalitário.

O ideário que começa a se instituir e que é compartilhado pelo evangelismo conservador é de entender que as discussões em torno de “gênero” sistematizam uma forma de pensar que é fechada em si mesma, isto é, conformam uma ideologia, ou melhor, uma “ideologia de gênero”. Pensando dessa forma, cria-se uma noção de que “ideologia de gênero”, sendo um sistema de pensamento, seria análoga ao totalitarismo, compreensão que dá margem para fazer associações com nazismo e comunismo. Esse posicionamento, por fim, entende que a “diluição do gênero” seria uma estratégia do comunismo para destruir as nações e a dimensão espiritual da vida humana.

Nessa ótica, a construção imaginária do evangélico conservador, por fim, é de que o comunismo em geral e o feminismo em particular são igualmente totalitários e ameaçam os valores sobre os quais a nação brasileira teria sido construída. É uma militância que, no fundo, enxerga o comunista e, logo, o feminismo como propagadores de ateísmo e depredadores da ordem das coisas, mas, nesse caso, mais do que isso, comunistas e feministas vandalizariam o retorno dos mitos, dos heróis, da história, e subverteria a família, a célula das nações. O ponto alarmante é que as teses da “ideologia de gênero” têm-se deslocado para os canais oficiais de deliberação, o que colabora fortemente para o desgaste da liberdade política e da democracia e do retrocesso dos direitos femininos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 50, e175001, p. 1-27, 2017.

CÔRTEZ, M. O dispositivo pentecostal e a agência dos governados. *Em Debate*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 31-38, abr. 2018.

GUADALUPE, J. L. P. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. In: GUADALUPE, J. L. P.; CARRANZA, B. (org.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 17-110.

JAMIN, J. Cultural marxism: a survey. *Religion Compass*, [S. l.], v. 12, n. 1-2, p. 1-12, Feb. 2018.

LACERDA, M. B. *Neoconservadorismo de periferia: articulação familista, punitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados*. 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LIND, William. “*Political Correctness*”: a short history of an ideology. [S. l.: s. n.]: Nov., 2004. A product of the Free Congress Foundation.

MAGNUM, T. A heresia da ideologia marxista. *Revista O Cristão Erudito*, [S. l.], ano 1, p. 12-14, dez. 2017.

MIGUEL, L. P. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Direito & Práxis Revista*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Giro a la derecha e impeachment: la crisis política de Brasil. *Revista Política Latinoamericana*, Buenos Aires, n. 5, jul./dic. 2017.

NICODEMUS, A. L. Ideologia de gênero: alerta às lideranças cristãs. *Revista O Cristão Erudito*, [S. l.], ano 1, p. 21-22, dez. 2017.

OLMSTED, K. British and US anticommunism between the world wars. *Journal of Contemporary History*, [S. l.], v. 53, n. 1, p. 89-108, 2018.

SOUZA, E. H. Por que o marxismo odeia o cristianismo? *Revista O Cristão Erudito*, [S. l.], ano 1, p. 10-11, dez. 2017.

RODEGHERO, C. S. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. 2002. 447 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ROMERO, F. Cold War anti-communism and the impact of communism on the West. In: NAIMARK, N.; PONS, S.; QUINN-JUDGE, S. (ed.). *The Cambridge history of Communism. The socialist camp and world power (1941-1960s)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. v. 2, cap. 12, p. 291-312.